

**DA CAPTAÇÃO E SUBVERSÃO DE PROVÉRBIOS AOS
ENUNCIADOS ADERENTES: UMA BREVE GENEALOGIA DO
ESTUDO DISCURSIVO DOS ENUNCIADOS SEM TEXTO**

**FROM THE CAPTURE AND SUBVERSION OF PROVERBS TO
THE ADHERENT UTTERANCES: A BRIEF GENEALOGY OF
THE DISCURSIVE STUDY OF UTTERANCES WITHOUT TEXT**

Roberto Leiser Baronas
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
baronas@ufscar.br
<https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

Maria das Dores Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará, Brasil
dasdores@ufc.br
<https://orcid.org/0000-0002-9765-8364>

José Wesley Vieira Matos
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
jose.matos1@sou.ufmt.br
<https://orcid.org/0000-0003-2499-0048>

RECIBIDO: 07/03/2025
ACEPTADO: 25/04/2025

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma breve genealogia do estudo discursivo de alguns “enunciados sem texto”, engendrado pelo discursivista francês Dominique Maingueneau, ao longo das últimas quatro décadas. Partimos do primeiro trabalho desenvolvido pelo autor em parceria com A. Gré-sillon, intitulado *Polyphonie, proverbe et détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre*, publicado na Revista Langages, n. 73, em 1984, no qual se questiona em face dos provérbios o quadro enunciativo prototípico. Na sequência, discutimos a teoria da aforização discursiva, proposta pelo autor no livro *Les phrases sans texte*, publicado na França em 2012 e no Brasil em 2014, que consolida sua proposta de outro regime enunciativo em oposição ao regime do texto. Por último, discutimos a teoria dos enunciados aderentes, publicado no Brasil em 2022 no livro *Enunciados aderentes*, em que o autor elabora outro conceito desvinculado das análises tradicionais de gênero. Nossa questão de fundo, por um lado é mostrar a coerência epistemológica interna da discussão maingueneana que elabora aparatos conceituais diversos para analisar a multiplicidade de fenômenos decorrentes da heterogeneidade do discurso e por outro, que esses aparatos conceituais constituem uma forma totalmente inovadora de se pensar a enunciação.

Palavras-chave: enunciados sem texto, particitação, aforização, enunciados aderentes, Dominique Maingueneau.

ABSTRACT

In this article, we present a brief genealogy of the discursive study of some “utterances without text”, developed by the French discourse theorist Dominique Maingueneau over the past four decades. We begin with the author’s first work, co-authored with A. Grésillon, titled *Polyphonie, proverbe et détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre*, published in the journal *Langages* (n. 73) in 1984, in which the prototypical enunciative framework is questioned about to proverbs. Next, we discuss the discursive theory of aphorization, proposed by Maingueneau in the book *Les phrases sans texte*, published in France in 2012 and in Brazil in 2014, which consolidates his proposal for another enunciative regime, as opposed to the regime of the text. Finally, we examine the theory of adherent utterances, published in Brazil in 2022 in the book *Enunciados aderentes*, where the author develops another concept, detached from traditional genre analyses. Our central aim, on the one hand, is to demonstrate the internal epistemological coherence of Maingueneau’s discussion, which elaborates diverse conceptual tools to analyze the multiplicity of phenomena arising from the heterogeneity of discourse, and on the other hand, to show that these conceptual tools constitute a completely innovative way of thinking about enunciation.

Keywords: utterances without text, partitioning, aphorization, adherent utterances, Dominique Maingueneau.

RESUMEN

En esta investigación, presentamos una breve genealogía del estudio discursivo de algunos “enunciados sin texto”, desarrollado por el discursivista francés Dominique Maingueneau a lo largo de las últimas cuatro décadas. Comenzamos con el primer trabajo realizado por el autor en colaboración con A. Grésillon, titulado *Polyphonie, proverbe et détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre*, publicado en la revista *Langages* (n. 73) en 1984, en el que se cuestiona el cuadro enunciativo prototípico en relación con los proverbios. A continuación, discutimos la teoría discursiva de la aforización, propuesta por el autor en el libro *Les phrases sans texte*, publicado en Francia en 2012 y en Brasil en 2014, que consolida su propuesta de otro régimen enunciativo en oposición al régimen del texto. Por último, discutimos la teoría de los enunciados adherentes, publicada en Brasil en 2022 en el libro *Enunciados aderentes*, donde el autor elabora otro concepto desvinculado de los análisis tradicionales de género. Nuestro objetivo principal, por un lado, es mostrar la coherencia epistemológica interna de la discusión de Maingueneau, que desarrolla diversos aparatos conceptuales para analizar la multiplicidad de fenómenos derivados de la heterogeneidad del discurso, y por otro, demostrar que estos aparatos conceptuales constituyen una forma completamente innovadora de pensar la enunciación.

Palabras clave: enunciados sin texto, particitación, aforización, enunciados adherentes, Dominique Maingueneau.

INTRODUÇÃO

Uma das críticas que recorrentemente tem sido feitas no Brasil ao trabalho do discursivista francês Dominique Maingueneau é que o autor teria uma espécie de fúria taxonômica, uma necessidade quase fisiológica de criar taxonomias em seus trabalhos. Muitas dessas taxonomias sem nenhum tipo de articulação. O objetivo primeiro deste texto é mostrar que essa interpretação em relação a produção acadêmica de Dominique Maingueneau não tem nenhum tipo de fundamento.¹ Para tanto, partindo de uma das suas numerosas ideias-força, apresentamos uma breve genealogia do estudo discursivo de alguns “enunciados sem texto”, engendrado pelo discursivista francês, ao longo das últimas quatro décadas. Partimos do primeiro trabalho desenvolvido pelo autor em parceria com A. Grésillon, intitulado *Polyphonie, proverbe et détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre*, publicado na Revista *Langages*, n. 73, em 1984, no qual se questiona em face dos provérbios o quadro enunciativo prototípico. Na sequência, discutimos a teoria da aforização discursiva, proposta pelo autor no livro *Les phrases sans texte*, publicado na França em 2012 e no Brasil em 2014, que consolida sua proposta de outro regime enunciativo em oposição ao regime do texto. Por último, discutimos a teoria dos enunciados aderentes, publicado no Brasil em 2022 no livro *Enunciados aderentes*, em que o autor elabora outro conceito desvinculado das análises tradicionais de gênero. Nossa questão de plano de fundo, por um lado, é mostrar a coerência epistemológica interna da discussão maingueneana, que elabora aparatos conceituais diversos para analisar a multiplicidade de fenômenos decorrentes da heterogeneidade do discurso e, por outro, que esses aparatos conceituais constituem uma forma totalmente inovadora de se pensar a enunciação.

1. DA POLIFONIA À CAPTAÇÃO E SUBVERSÃO PROVERBIAL

Em artigo publicado em parceria com A. Grésillon, intitulado *Polyphonie, proverbe et détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre*, publicado na Revista *Langages*, n. 73, em 1984,² Dominique Maingueneau questiona em face dos provérbios o quadro enunciativo prototípico. Nesse sentido para o autor francês,

Pode-se até dizer que o provérbio é o discurso relatado por excelência. Ele retoma não as *palavras* de *outro* especificado, mas aquelas de todos os outros fundidos nessa “impressoalidade” característica da forma proverbial. Mais do que apenas atribuir a responsabilidade da asserção de um provérbio a uma personagem distinta do locutor, como ocorre na polifonia comum (Ducrot, 1980, 43), assiste-se na polifonia proverbial à mistura da voz do locutor com todas as vozes que antes dele proferiram o mesmo adágio (Maingueneau, 2010, p. 172, grifos do autor).

1 Alhures, em co-autoria com Samuel Ponsoni, no artigo intitulado *Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau* e publicado na Revista *Heterotópica*, volume 01, número 01, em 2019, já havíamos defendido posicionamento semelhante. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48527>.

2 Esse artigo foi traduzido para o português em 2010 pela pesquisadora Maria Cecília P. Souza-e-Silva e publicado no livro *Doze conceitos em análise do discurso*, organizado pela própria pesquisadora em co-autoria com o pesquisador Sírio Possenti.

Maingueneau, diferentemente de outros autores que refletiram sobre os provérbios, investe na interpretação polifônica desses enunciados. Com efeito, para o discursivista francês, “o simples fato do locutor por trás da voz de um enunciador distinto, identificado, como ON, depende de fatores simultaneamente linguísticos e extralinguísticos”. No primeiro desses fatores, todo provérbio possui propriedades linguísticas específicas (frases curtas, simetrias fonéticas e prosódicas...) e estruturas geralmente binárias, que o tornam facilmente memorizável. Já no segundo caso, todo provérbio pertence ao estoque de enunciados conhecidos como tais pelo conjunto de falantes de uma língua. Todavia, não se trata de uma espécie de banco de dados enunciativos, mas o espaço em que está concentrada a sabedoria popular dos falantes. Sabedoria essa reconhecida por esses falantes como uma autoridade indiscutível. Numa determinada situação enunciativa, ao proferirmos, por exemplo, um provérbio como a “Justiça tarda, mas não falha”, enquanto locutores, maximizamos a validade de nosso dizer, que se torna “o lugar além da diversidade e da relatividade das ‘autoridades’”. (Maingueneau, 2010, p. 174).

Adentrando mais a fundo nessa discussão sobre a enunciação de um provérbio e a sua consequente instauração de uma autoridade proverbial, Maingueneau chama a nossa atenção para o fato de que essa autoridade pode ser utilizada pelos locutores de duas maneiras distintas: a) em proveito próprio e b) para que a contestemos. Nesse sentido, a primeira será entendida como uma estratégia de captação e a segunda como uma estratégia de subversão. Trata-se no entendimento do autor de duas estratégias distintas de desvio enunciativo (noção que nas discussões linguísticas brasileiras também é chamada de *détournement*). Segundo Maingueneau (2010, p. 175):

A “captação” consiste em desviar garantindo ao máximo o sentido da estrutura semântica assim explorada; em termos metafóricos, pode-se pensar em um moinho que capta o movimento da água para fazer girar a sua maquinaria. A “subversão” procura, ao contrário, mostrar uma contradição entre o sentido veiculado pela enunciação da estrutura original (indicada E0) e o da enunciação da estrutura resultante do desvio (indicado E1) (Milner e Grésillon, 1977).

Para circunscrever os diversos tipos de desvio proverbial, Maingueneau (2010) postula dois níveis pertinentes, que funcionam tanto para a captação quanto para a subversão. Nível 1: desvio das condições genéricas da enunciação proverbial e Nível 2: Desvio de um provérbio atestado. No primeiro caso, segundo Maingueneau (2010, p. 175), “desviar as condições genéricas consiste em fazer um pastiche do gênero proverbial. Assim que um locutor fabrica um pseudoprovérbio, as ‘condições de emprego’ tanto podem ser captadas quanto subvertidas”. Para compreender o funcionamento do desvio das condições genéricas, tomemos como exemplo o enunciado “Não vale um pequi roído”, instalado em dois *outdoors* na cidade de Palmas, no Estado do Tocantins, em agosto de 2020, gerando muita polêmica, sendo alvo inclusive de investigação da Polícia Federal, por ordem do então ministro da justiça, André Mendonça:



Figura 01 – Outdoor crítico ao então presidente Jair Bolsonaro no auge da Pandemia de Covid-19, em 2021³

Embora a rigor a expressão “Não vale um pequi roído” não possa ser considerada um provérbio, no sentido estrito do termo,⁴ pois ela não faz parte do estoque de provérbios da maioria dos falantes do português brasileiro, ela é muito utilizada em várias regiões brasileiras (Centro-Oeste, parte do Sudeste, do Nordeste e do Norte) em que o pequi, fruto do bioma cerrado é abundante e faz parte da tradição culinária dessas regiões. O sentido primeiro dessa expressão tem a ver com algo que é ruim, pois o pequi depois de roído, ou seja, depois que a sua polpa é retirada não teria valor algum. Com efeito, se mordido com intensidade o caroço, que no seu interior é cheio de espinhos, pode causar acidentes a quem o mordeu. Trata-se de uma verdade de “bom senso” dirigida a um alocutário universal, de uma verdade que é sustentada pela sabedoria popular, notadamente das regiões em que o pequi roído não tem valor algum. Em outros termos, apesar de o enunciado “Não vale um pequi roído” não ser um provérbio, na situação de enunciação em que ele aparece: má gestão do então presidente no combate à Covid-19, esse enunciado por conta da captação e subversão derrisória da estrutura de um provérbio, assume o estatuto de enunciação proverbial. Reforça essa interpretação o fato de que esse enunciado é retomado em diversas outras situações enunciativas como a reportagem do site Poder 360 sobre o arquivamento do inquérito que comparava Bolsonaro a um pequi roído, determinado pelo Ministério Público Federal – MFP, publicada em outubro de 2021:

³ A matéria completa está disponível em <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/03/17/ministro-da-justica-manda-pf-investigar-sociologo-e-empresario-que-compararam-bolsonaro-a-pequi-roido-em-outdoor.ghtml>

⁴ Falamos isso pois não há forma proverbial estável consagrada, mas há uma “família” de ditos populares que utilizam uma estrutura com sentido depreciativo e ofensivo: “Fulano não vale [ente sem valor]”, como em “Não vale o que o gato enterra”.



Figura 02 – Print da reportagem do site Poder 360 acerca do arquivamento do inquérito que comparava Bolsonaro a um pequi roído, determinado pelo Ministério Público Federal – MFP.⁵

O outro nível de desvio proposto por Maingueneau (2010) é o do provérbio atestado. Nesse caso, não temos mais simplesmente uma derrisão, o pastiche ou mesmo a simulação das condições genéricas de uma enunciação proverbial, mas o desvio de um provérbio que faz parte do estoque de provérbios da maioria dos falantes de uma determinada língua. Geralmente, esse tipo de desvio altera o significante de um dos elementos do enunciado, provocando alteração no significado. Tomemos a título de exemplo a captação e a subversão do provérbio atestado “Tempo é dinheiro”, publicada em uma rede social, dos Jornalistas Livres, em abril de 2021:

⁵ A matéria completa pode ser acessada em <https://www.poder360.com.br/justica/mpf-arquiva-inquerito-que-investigava-comparacao-de-bolsonaro-a-pequi-roido/>



Figura 03 – Captação e subversão do provérbio atestado “Tempo é dinheiro”, publicada em uma rede social, dos Jornalistas Livres em abril de 2021.

Utilizando-nos vez ou outra das palavras de Maingueneau (2010, p. 176), no desvio em questão, é possível observar que “com base em E0: “Tempo é dinheiro” ao substituírmos Tempo por Templo, em E1 “Templo é dinheiro”, cuja distância fônica é mínima em relação a E0, visto que se diferenciam em apenas um fonema, no caso o acréscimo do [l/]

 em E1. Temos aqui uma relação semântica que é clara entre E0 “Tempo é dinheiro” e E1 “Templo é dinheiro”. Na verdade, a captação de E0 “Tempo é dinheiro” e a sua subversão para E1 “Templo é dinheiro”, a partir do acréscimo do fonema [l/], mostra que tanto “tempo” quanto “templo” são monetizáveis. Todavia, esse desvio proposto contradiz a ideia de que os templos, muito comum no imaginário social, são lugares sagrados, destinados única e tão somente à oração dos fiéis em busca de graças e da absolvição dos seus pecados.

Ainda com Maingueneau (2010, p. 185), é preciso considerar que esses desvios na enunciação proverbial (captação e subversão) não se dão puramente na ordem lúdica, são práticas discursivas, que implicam tomadas de posição ideológica em que os locutores se inscrevem em determinadas formações discursivas. Já no “Dicionário de Análise do Discurso” (Charaudeau; Maingueneau, 2008), o autor vai re-situar então essa questão no estudo do interdiscurso e relacionar ao conceito de “investimento” (pensando principalmente na captação e subversão do gênero, já que o conceito era de investimento genérico), dando esse reajuste “ideológico” que faltava e adaptando aos seus termos de análise, já que o investimento genérico é constituinte de uma determinada comunidade e identidade enunciativas, um posicionamento. Como podemos observar:

O estudo das relações interdiscursivas e, mais precisamente da hipertextualidade, permite colocar em evidência duas estratégias opostas de *reinvestimento* (Maingueneau, 1991, p. 155), [captação e subversão] [...]. Essa problemática atravessa a da polifonia, já que se deixa ouvir na voz do enunciador uma outra voz, a do discurso reinvestido” (Maingueneau, D. Verbete “Captação II”. In.: Charaudeau; Maingueneau (Org.). Dicionário de Análise do discurso, 2008, destaque do autor).

Nesse sentido, para Maingueneau (2010) captar e subverter um provérbio, enquanto enunciação proverbial, não significa somente colocar em cena o coro de vozes que dá suporte aos enunciados, no duplo sentido de suporte: sustentar e apoiar, mas sobretudo se inscrever numa determinada visão de mundo.

2. AS FRASES SEM TEXTO E A TEORIA DISCURSIVA DA AFORIZAÇÃO

2.1. Das primárias às secundárias

Em 2004, Maingueneau publica o texto “*Citation et surassertion*”,⁶ no qual percebe a propriedade de destacabilidade de alguns enunciados e detalha o que define como um processo de sobreasseveração. Pode-se considerar esse artigo o marco fundacional do conjunto teórico sobre as aforizações, como o faz Cabral (2021) ciente de que realiza um recorte que desconsidera algumas discussões anteriores, “como enunciação proverbial, particitação (...)” (Cabral, 2021, p. 34). Embora não pretendamos repetir o trabalho bem realizado pelo pesquisador, no qual apresenta o percurso da teoria das “frases sem texto”, chamando atenção para as mudanças propostas por Maingueneau, acreditamos ser oportuno, de um ponto de vista mais amplo das obras do discursivista, estabelecer algumas conexões entre aquela discussão anterior sobre os provérbios e o que veio a se consolidar como a formulação de um regime enunciativo aforizante (Maingueneau, 2014).

Apesar de nessa última obra Maingueneau referenciar alguns trabalhos relativos à discussão, cremos ser esta relação pouco repercutida no contexto brasileiro. No livro *Doze conceitos em análise do discurso* (Maingueneau, 2010), por exemplo, o leitor encontra o artigo inaugural “Polifonia,

6 Tradução para o português brasileiro presente na obra *Cenas da enunciação* (Maingueneau, 2008).

provérbio e desvio” já pelo final da coletânea, ao passo que o capítulo “Aforização: enunciados sem texto?”, com o desenvolvimento mais recente da proposta, ocupa a posição inicial do livro.

Como pode ser observado anteriormente, o estudo sobre os provérbios se dedica a um problema “estrutural” da enunciação, que se apoia na teoria polifônica de Ducrot. Ideia retomada e sintetizada depois no livro *Novas tendências em análise do discurso* (Maingueneau, 1997): “Considerado sob este ângulo, o provérbio representa um enunciado limite: o ‘locutor’ autorizado que o valida, em lugar de ser reconhecido apenas por uma determinada coletividade, *tende a coincidir com o conjunto de falantes da língua*, estando aí incluído o indivíduo que o profere” (Maingueneau, 1997, p. 101, destaque do autor). No entanto, os autores franceses do artigo apontam que a discussão sobre as instâncias enunciativas conduz a outra mais ampla sobre o reemprego dos enunciados.

Um dos desenvolvimentos é acrescentado à edição de *Análise de textos de comunicação*. O capítulo em questão assimila essa discussão dos provérbios à análise de *slogans* (por causa do *corpus* privilegiado no livro), outro tipo de aforização primária: “Todo *slogan* aspira a ter a autoridade de um provérbio, a ser universalmente conhecido e aceito pelo conjunto dos falantes de uma língua, de maneira a ser utilizado em qualquer circunstância” (Maingueneau, 2004).

Depois, observamos que essa questão estrutural permanece nos trabalhos seguintes, como demonstra especialmente o artigo “*Hyperénonciateur et participation*”,⁷ de 2004. Nele, Maingueneau percebe que os provérbios são apenas uma “família” de um conjunto de enunciados que apresentam esse problema de convocar, na “voz ‘ordinária’ do locutor”, “uma voz extraordinária”. O sistema de participação proposto pelo autor destaca, então, como, nos *slogans*, adágios jurídicos, gritos de torcida e orações, o locutor que os realiza se coloca como membro de uma coletividade autorizada que “fala” e valida seu dizer, por isso ele (parti)cipa da (citação) desse hiperenunciador.

No texto mencionado sobre destacabilidade e sobreasseveração, do mesmo ano de 2004, Maingueneau inicia a discussão recorrendo ao tipo de *corpus* composto por “máximas” heroicas e “fórmulas” filosóficas. Isso nos mostra que o começo da teoria sobre as frases sem texto toma preferencialmente como *corpus* as aforizações primárias, aquelas que circulam de modo autônomo sem terem sido derivadas de outro texto (ou pelo menos de um não mais recuperável). Assim, parece-nos que é o problema da responsabilidade polifônica das aforizações primárias que germina a teoria das frases sem texto que, depois, passa a se concentrar nas aforizações secundárias. Assim, ao invés de um quadro já estabilizado em *Frases sem texto*, por esse olhar retrospectivo, observamos um desenvolvimento teórico atrelado a análises de *corpora* diversos em um movimento reflexivo e expansivo que julgamos importante para compreensão ampla da rede de conceitos de Maingueneau.

2.2. Mini glossário crítico

Neste momento, ao invés de apresentarmos uma explicação “concatenada” sobre a teoria, que pode ser encontrada em dezenas de outros textos já publicados, propomos uma discussão meta-teórica sobre os conceitos e termos a ela relacionados, justificada por certas flutuações termino-

⁷ Tradução para o português brasileiro presente na obra *Cenas da enunciação* (Maingueneau, 2008).

lógicas encontradas nas publicações do autor sobre o tema. Iremos, assim, arriscar uma espécie de síntese crítica dos principais termos:⁸

- *Sobreasseveração*: processo no qual o locutor ressalta, dentro de um texto, um trecho, tornando-o candidato a um *destacamento* posterior. Portanto, um enunciado sobreasseverado não é um *enunciado destacado*, mas um enunciado destacável, assim identificado por diversos índices dessa pretensão. Logo, nem todo enunciado destacado necessariamente provém de um enunciado sobreasseverado. Desse modo, a sobreasseveração pertence ao *regime textualizante*, ainda que vise ao funcionamento do *regime aforizante*.
- *Destacabilidade* - propriedade de autonomização de um enunciado. É indicada pela *sobreasseveração* no caso dos *enunciados destacados* em que há esses indícios que auxiliaram nesse tipo de circulação autônoma.
- *Destacamento (aforizante)* - processo realizado por um terceiro (*operador do destacamento*) ao transformar um fragmento de um texto em um *enunciado destacado* fazendo-o funcionar em outro regime enunciativo. Assim, de um destacamento resulta um *enunciado aforizado/aforizante*. Pode-se pensar que há alguma continuidade entre esse e outros processos de destaque no texto (como a citação), mas esse tipo de destacamento (o aforizante) implica outro regime de interpretação, é mais do que “dar relevo” e reportar-se a uma fala do outro.
- *Destacamento forte e fraco* - o processo de *destacamento* pode dissociar o *enunciado destacado* de seu texto-fonte (um tipo de destacamento forte) e pode manter o enunciado destacado contíguo ao texto-fonte (um destacamento fraco). Ressalta-se que, em ambos os tipos, o critério distinguidor é a proximidade/distância em relação a um texto-fonte recuperável, o que difere o destacamento forte da *aforização primária*.
- *Aforização* - pode ter dois sentidos: a) como sistema que possibilita produzir o conjunto de textos. Nesse caso, o termo corresponde ao regime de *enunciação aforizante* e pode ser empregado em usos do tipo “A aforização contesta a textualidade”; b) como o próprio conjunto de textos produzidos pelo regime aforizante, cujo sentido pode ser constatado em usos como: “Tal manifestação é uma aforização”, ou seja, um exemplar desse regime.
- *Aforização primária / original (“destacada” por natureza)* - *enunciados aforizantes* que não derivam de um texto particular, tais como *slogans*, máximas, provérbios e aforismos. Apesar de que eles possam ter sido parte de um texto em algum momento, sua circulação sincrônica ignora ou não tem condições de associá-los a ele, tornando esse tipo de enunciado “independente”. Muitas das aforizações primárias, como os provérbios, participam da memória de uma coletividade e, nelas, a figura do aforizador se mistura com a do hiperenunciador. Em alguns textos, pode-se encontrar a referência a esse tipo como “destacada por natureza”, porém, a aforização primária não é considerada resultado de um *destacamento*.⁹

8 Utilizamos o itálico para marcar as referências internas aos outros termos do glossário.

9 Para fundamentar essa posição mais precisa de exclusão das primárias do destacamento e de associação entre aforizações secundárias e enunciados destacados, cremos ser mais coerente e esclarecedora a seguinte passagem do autor: “A aforização, lembremos, não resulta necessariamente do destacamento de um texto e de uma inserção em um novo texto. Ao lado dessas aforizações destacadas, ‘secundárias’, há um grande número de aforizações ‘primárias’ (...)” (Maingueneau, 2014, p. 28).

- *Aforização secundária / derivada (destacada de um texto)* - enunciados aforizantes retirados de um texto-fonte e que são, por meio de um *destacamento (forte ou fraco)*, postos em circulação de forma autônoma, tais como as citações célebres e os títulos com trechos de entrevistas. Assim, equivale aos *enunciados destacados*.
- *Aforizador* - um tipo de enunciador que é colocado pelo *operador do destacamento* como um Sujeito pleno, responsável moral e juridicamente por um *enunciado aforizado*. Esse enunciador não realiza o próprio *destacamento*, é fruto dele, mas, de algum modo, é retomado de uma situação na qual era um locutor situado e, ao ser instaurado em uma cena aforizante, ganha um estatuto privilegiado, como se transcendesse às determinações de seu contexto-fonte e falasse a partir de uma instância superior que é a do “próprio” Sujeito.
- *Hiperenunciador* - um tipo de enunciador que se apresenta em alguns tipos de *aforizações primárias* e que, nelas, se confunde com a instância do *aforizador*. Esse fenômeno da participação acontece quando um locutor reemprega um enunciado pertencente a uma coletividade; ao fazê-lo, ele deixa de se apresentar como o responsável do dizer e se coloca apenas como um membro que dá acesso à “fala” de outra instância superior, o hiperenunciador, como, por exemplo, a Sabedoria popular.
- *Citador/ Operador do destacamento aforizante/ Destacador* - a figura do terceiro que realiza a operação de *destacamento (aforizante)*; na mídia impressa, o papel prototípico do jornalista. É o responsável, mesmo que normalmente se “apague” da cena aforizante, por transformar um locutor “comum”, ao destacar um enunciado dele, em um *aforizador*.
- *Enunciação presa/ ligada/ textualizante* - regime enunciativo no qual domina a lógica do texto, este tomado como contraparte de um gênero discursivo. Assim, a ideia de enunciação “atada” se refere aos condicionamentos genéricos que “prendem” o enunciado a uma situacionalidade; o produtor de um texto, por exemplo, ancora-se na função de locutor, o responsável pelo dito que desempenha um papel instituído pela cena genérica, que, por sua vez, prescreve uma série de coordenadas: sobre o estatuto dos parceiros, sobre a temporalidade e o espaço legítimos, sobre o suporte adequado...
- *Enunciação aforizante* - regime dos *enunciados aforizantes*. Contrapõe-se à lógica do texto/ gênero ao se colocar como uma fala “acima” das outras falas, que não deixaria delimitar-se ou prender-se pelas restrições genéricas. Na cena instaurada por esse regime, o sujeito se torna um *aforizador*, seu enunciado pretende expressar o próprio pensamento e se dirige não a um destinatário específico, mas a um tipo de auditório universal. Contudo, apesar dessa pretensão de autonomia, este regime só pode existir em tensão e dependência com o *regime textualizante*.
- *Enunciação desatada/ destacada* - agrupamento de dois regimes enunciativos que buscam escapar à lógica do texto/gênero, a *enunciação aforizante* e a auctoral (das Obras e auctores). “Destacada” pode ser tomada, por metonímia, para se referir apenas à enunciação aforizante (aludindo às *aforizações secundárias*), porém, de forma mais rigorosa, deve ter seu sentido aproximado de “desatada”, ou seja, referindo-se aos tipos de enunciações que tentam se desvincular do controle genérico que impera no *regime textualizante*.
- *Enunciado aforizado/ aforizante* - enunciados que (se) constituem (n)o regime de *enunciação aforizante*. Refere-se tanto às *aforizações primárias*, quanto às *aforizações secundárias*.

- *Enunciado destacado* - de modo estrito, refere-se às *aforizações secundárias*, ou seja, são frutos de um processo de *destacamento (aforizante)*. Assim, todo enunciado destacado é um *enunciado aforizante*, mas nem todo enunciado aforizante é destacado (devido às *aforizações primárias*).
- *Frases sem texto* - correspondem aos *enunciados aforizantes*. De certo modo, remonta à impressão comum de que existem segmentos verbais que circulam “soltos” de um texto. Do ponto de vista teórico, esse “sem texto” é apenas uma pretensão do *regime aforizante*.

3. OS ENUNCIADOS ADERENTES E A GESTÃO DISCURSIVA DA SOCIEDADE ATUAL

3.1. Questionando os pressupostos

Pensamos que a consolidação da teoria sobre as aforizações, principalmente por Maingueneau dedicar um livro inteiramente a ela, foi o primeiro grande projeto dessa perspectiva enunciativo-discursiva que contraria um pressuposto teórico amplamente compartilhado ao definir um regime enunciativo não analisável pelos critérios dos gêneros discursivos. A própria ideia de “regimes enunciativos” já decorre de uma postura epistemológica heteróclita: a de considerar que o universo discursivo não é homogêneo, mas composto por zonas de dizeres que exigem apreensões diferentes e ferramentas analíticas que se adaptem a cada uma delas (Maingueneau, 2008, 2014, 2020, 2025).

Na seção anterior, mencionamos outra proposta de Maingueneau relacionada a essas enunciações desatadas, o regime auctoral. Nos últimos tempos, o autor trata das multilocuções (Maingueneau, 2025), que também contestam o esquema comunicativo prototípico. No entanto, destacamos outra recente proposta que, pelo aprofundamento empreendido pelo discursivista (também há um livro inteiro dedicado ao tema), parece-nos ter um potencial explicativo (e provocativo) proporcional às aforizações dentro do quadro de sua perspectiva até o momento; trata-se dos enunciados aderentes (Maingueneau, 2020, 2022a).

Assim como o regime aforizante, conforme defendemos, deriva de um problema em que o objeto analisado não se explica adequadamente pelo quadro teórico existente, a proposta sobre os enunciados aderentes surge da observação por parte do autor de que, no nosso mundo contemporâneo, cada vez mais objetos carregam palavras inscritas (xícaras, veículos, embalagens...). Não apenas objetos, mas os espaços (por meio de placas e monumentos) e os próprios corpos humanos (por tatuagens e roupas) demonstram um conjunto de manifestações em que a linguagem é posta em relação de contiguidade e atribuição com uma materialidade (Maingueneau, 2022a).

Esses enunciados que aderem a um suporte, do qual fazem parte, não apenas se sobrepõem a ele, mas modificam-lhe a própria identidade. Se o suporte/mídium (atrelado à cena genérica) já era considerado pelo autor como um elemento constituinte do sentido, o que a nova proposta altera é o próprio lugar desse elemento no esquema comunicativo de algumas manifestações. Um enunciado aderente se desvia da compreensão clássica de um locutor que fala para um destinatário bem definido “por meio de” uma realidade material. Em certo sentido, o enunciado aderente é

“instalado” e “posto à disposição” de olhares errantes ou indefinidos; na verdade, importa menos essa interação entre os sujeitos e mais a associação criada entre as palavras e essas materialidades. Sob a égide do interacionismo e da oposição da Linguística moderna ao representacionismo, tal postura abala o pressuposto filosófico fundado na separação rigorosa entre os nomes e as coisas (Maingueneau, 2020, 2022a).

Se nas outras perspectivas o gênero discursivo se impõe como centro da definição e compreensão de um texto, fazendo com que algumas manifestações “desordeiras” pareçam exceções dispensáveis, na abordagem de Maingueneau, o autor não somente destaca a profusão dos conjuntos de enunciados ignorados em suas especificidades, como também demonstra a capacidade desses objetos de possibilitarem uma compreensão peculiar acerca do mundo em que circulam e, ao mesmo tempo, produzem.

Por isso, a seguir, mobilizamos um exemplo de “leitura” a partir da ótica da aderência. Diferente da teoria da aforização, que já conta com outros trabalhos para além daqueles que o autor realizou, a proposta dos enunciados aderentes é recente; assim, esperamos que, com essa breve análise, possamos ilustrar sua proficuidade.

3.2. Aderir à cidade

A relação de contiguidade do enunciado aderente pode ser de três tipos: (i) verbalidade inscrita no suporte (diretamente ou em um vetor mediador fixado nele); (ii) verbalidade próxima ao suporte por meio de um objeto mediador; (iii) verbalidade englobada pelo suporte. Para exemplificar esse último caso, Maingueneau (2022a) cita um *outdoor* escrito “Paisagem dos alpes” em uma estrada nos alpes, ou seja, a materialidade associada é o próprio lugar que cerca esse *outdoor* e ao qual se faz referência.

No contexto brasileiro, vemos se difundir um fenômeno parecido com esse, mas com certas especificidades, principalmente o hibridismo entre os mundos físico e virtual; são os letreiros com os nomes das cidades. Normalmente localizados na via de entrada principal ou em outro ponto de visibilidade, como pontos turísticos, os letreiros cumprem outras funções que não apenas aquela de identificação desempenhada pelas placas de trânsito (“Bem-vindo à cidade tal”). As grandes letras, dispostas no nível do solo, muitas vezes, são adornadas com elementos artísticos, como podemos observar na seguinte imagem do letreiro da cidade de Nova Olinda (CE):



Figura 04 - Letreiro da cidade de Nova Olinda (CE)
Fonte: Blog Crajubar News (2023).¹⁰

Os desenhos e as cores que preenchem as letras fazem referência ao artesanato do mestre mais proeminente da região no trabalho com peças de couro, Espedito Seleiro. O elemento visual do coração remonta (porém em outros há explicitamente) à fórmula que se tornou clássica desse tipo de enunciado: “Eu amo [nome da cidade]”¹¹. Alguns incluem também algum epíteto municipal. Observemos outro exemplo, este da capital de Pernambuco, Recife.

¹⁰ Disponível em: <https://crajubarnews.com.br/noticia/4285/a-prefeitura-de-nova-olinda-apresenta-o-seu-novo-jingle-de-campanha-publicitaria-institucional-ha-uma-versao-com-letra-e-musica-destinado-a-plataforma-de-midia-radio-e-outra-em-video-tape-destinado-as-plataformas-digitais>. Acesso em: 01 dez. 2024.

¹¹ Um dos letreiros mais icônicos e próximo ao funcionamento dos atuais (diferente por exemplo do de Hollywood) é o “I (am)sterdam”, da cidade de Amsterdam, instalado em 2004. Sua grande repercussão se deu principalmente pelas fotos de turistas divulgadas em redes sociais. Talvez, o jogo de palavras com a primeira pessoa do singular tenha sido a inspiração dos posteriores.



Figura 05 - Letreiro da cidade de Recife (PE)
Fonte: Blog “Uma senhora viagem” (2016).¹²

As cores do letreiro destacam as três primeiras letras, que correspondem à abreviação do nome da cidade (encontrada, por exemplo, nas descrições de voos). A forma ao lado em cores vibrantes lembram a “sombriinha de frevo”, adereço utilizado nessa dança que caracteriza a tradição da cidade carnavalesca. Porém, se atentarmos ao redor, notamos que a instalação foi feita na Praça Rio Branco (Marco zero), o ponto mais importante do centro histórico da cidade, que atrai turistas, e, ao fundo, temos uma vista para o mar e outro conjunto de monumentos de um museu a céu aberto do reconhecido artista Francisco Brennand. O que essa materialidade nos mostra é uma aproximação desse letreiro com outros elementos turísticos e, principalmente, uma disposição que favorece um enquadramento ideal para uma fotografia.

Para análise dos enunciados aderentes, Maingueneau propõe perceber fundamentalmente alguns aspectos que chama de sustentações: (i) institucional, que se refere à rede de agentes que concebem, fixam e controlam o enunciado; (ii) ideológica, pois a existência desse enunciado se apoia e constrói uma doxa legitimante, alimentada por diversos discursos; (iii) tecnológica,¹³ pois o enunciado só ganha concretude a partir das técnicas e recursos que podem ser despendidos em uma determinada época e condições.

Em relação aos letreiros, podemos perceber que a sustentação institucional tem majoritariamente o poder público municipal como responsável. Encontramos alguns casos de entidades privadas que produzem esses enunciados, como uma prestação de serviço à comunidade, mas não sem se apropriarem deles deixando algum sinal visível de sua marca. Diferentemente, a prefeitura

¹² Disponível em: <https://www.umassenhoraviagem.com/2016/03/marco-zero-de-recife.html>. Acesso em: 01 dez. 2024.

¹³ Enquanto as duas primeiras sustentações são delineadas nos textos já publicados, a última se trata de um acréscimo apresentado por Maingueneau no minicurso “Enunciados aderentes”, realizado em abril de 2024, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

não interfere ou se mostra frontalmente no letreiro, que deve parecer ser uma apresentação e uma parte constitutiva da própria cidade.

Já a sustentação ideológica se trata de um interdiscurso difuso que se fundamenta, principalmente, na valorização exterior, o turismo, mas também na interior, pois a prefeitura demonstra aos cidadãos residentes o esforço de modernização, já que toda cidade agora deve ter seu letreiro, além de comumente produzir uma representação icônica dessa comunidade por meio de remissões a elementos culturais valorizados. Se, de senso comum, uma cidade alça a esse estatuto por ter alguns elementos (uma igreja, um cemitério, uma praça...), certamente um letreiro passou a ser um deles.

Por fim, a tecnologia implicada na produção desses letreiros não pode ser ignorada. Afinal, a proporção e as condições em ambientes abertos exigem técnicas e materiais robustos. A resistência deve ser pensada inclusive considerando a prática de turistas que sobem no letreiro. Além disso, eles diferem consideravelmente das placas por serem vazados e permitirem capturar a paisagem por detrás, que é, enfim, em uma totalidade com as letras, aquilo que registra e garante nas fotografias que um indivíduo esteve na cidade.

CONCLUSÃO

O percurso teórico que traçamos não pretende revelar uma gênese onde tudo se encontra idealizado e uma suposta evolução linear; nem o mito da origem, nem a ilusão do progresso. Demonstra-se muito mais as idas e vindas das reflexões, o início de um problema suscitado por questões “estruturais”, o refinamento do axioma sobre a heterogeneidade do discurso, a criação de aparatos teóricos a ela adequados e a unificação de objetos aparentemente dispersos, bem como a possibilidade de pensar a enunciação de uma maneira totalmente distinta da que conhecemos até então.

Poder-se-ia julgar que uma contestação de pressupostos seja fruto de um ethos reformista, fundado apenas em uma razão teórica ou em uma demanda social progressista, porém, longe da imposição ordinária, neste caso, isso não se sustenta na medida em que aquilo que acompanhamos é uma adaptação da perspectiva às problemáticas percebidas nos próprios objetos. Conforme apresentamos, os provérbios chamam atenção ao reemprego de enunciados; depois, ampliando para algumas aforizações primárias, revela-se parte de outra lógica enunciativa, da qual se pode depreender um conjunto ainda mais vasto que inclui os enunciados destacados; por fim, os enunciados aderentes seguem a mesma via aberta pelas frases sem texto para se pensar outro tipo de enunciação entre as palavras e as coisas. Assim, para além do conjunto de conceitos, a obra de Maingueneau propõe uma postura epistemológica¹⁴ particular dentro das análises do discurso.

Para finalizar, gostaríamos ainda de apresentar uma recente discussão feita pelo autor, em que, para analisar cartazes eleitorais de políticos, une a teoria das aforizações à discussão dos enunciados aderentes (Maingueneau, 2025). Os *slogans* são considerados um tipo de aforização primária, porém, nesses cartazes, eles se associam a todo um conjunto iconotextual que tem como centro a

14 Por mais que, a princípio, pareçam mudanças mais bem descritas como teórico-metodológicas, acreditamos que há uma mudança também em relação ao modo de compreensão científica vigente não só em Análise do Discurso, mas em muitas vertentes dos estudos da linguagem que aderem ao universalismo dos conceitos em detrimento de uma consideração das particularidades das manifestações e do pluralismo de quadros explicativos.

imagem do rosto do candidato, tornando-se um tipo de *slogan* “icônico”, ou seja, sua interpretação depende do conjunto. Quanto aos enunciados aderentes relacionados ao corpo humano, eles podem estabelecer com o indivíduo “contratos” diferentes: podem ser impostos; podem estar relacionados com uma organização coletiva (caso desse *corpus*); ou podem expressar algo da subjetividade do sujeito. O autor defende que, no caso dos cartazes, o corpo representado do candidato serve de “suportador icônico” desse enunciado. Observemos essa elaboração em um exemplo: ¹⁵



Figura 6 - Cartaz da campanha eleitoral Bolsonaro 2018
Fonte: Wikipédia (2023)¹⁶.

O *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” explicita dois pontos cruciais dessa campanha de Jair Bolsonaro à eleição presidencial brasileira de 2018, o patriotismo e a religiosidade. Percebamos, acerca da sustentação institucional, como a polifonia, similar à dos provérbios, é presente nessa aforização primária. Bolsonaro, o aforizador, “diz”, mas não é o único que se responsabiliza por esse dizer; junto a ele, é o partido que fala, seus eleitores e todo cidadão que conserve esses valores morais superiores. O caráter formulaico da expressão corrobora para uma leitura “arcaizante”, sua simetria sintática manifesta a própria justeza do enunciado e seu caráter atemporal e englobante.

A dimensão do “Alto” é o aspecto iconotextual mais sobressalente. O próprio *slogan* é o motor dessa ascensão, tratando sobre os valores absolutos, “acima” dos outros; e sua disposição também o coloca acima dos outros elementos do cartaz. O Alto, pelo menos no Ocidente, é a morada

¹⁵ Essa análise que segue, diferentemente da anterior que é inédita, foi apresentada por Maingueneau no já referido minicurso realizado em 2024 na UFSCar. Esperamos não ter modificado tanto as ideias do autor ao tentar reconstruir a discussão também apoiados nas análises do artigo.

¹⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_presidencial_de_Jair_Bolsonaro_em_2018#/media/Ficheiro:Campanha_Bolsonaro.jpg. Acesso em: 03 dez. 2024.

eterna e boa da divindade. Quanto ao suportador icônico, o olhar do candidato se direciona para cima, mirando um além que é também o futuro. O enquadre *plongée* invertido (ângulo abaixo do objeto focado) aplicado ao seu busto cria, entre outros efeitos, o de superioridade. E o plano de fundo sob o qual Bolsonaro se destaca é uma vista aérea da cidade de São Paulo, que captura a cidade do alto, fazendo o *slogan* e o candidato recobrirem (dominarem) a “tudo” e “todos”.

A associação entre a figura do rosto e as aforizações já era um ponto explorado por Maingueneau (2014). O rosto tem as propriedades de identificar o indivíduo, de representar a sede do pensamento (a mente) e de mostrar a boca, a fonte da fala. No caso do cartaz, a imagem de Bolsonaro demonstra seu comprometimento em dar (a sua) voz a uma verdade que é maior. Desse modo, o suportador e seu enunciado encarnam a sustentação ideológica que rege o posicionamento conservador e certo ideal populista ao dissolver as diferenças em prol de um governo universal dito do povo.

Assim, em um objeto como esses cartazes, os efeitos da enunciação aforizante e da aderência se complementam e propiciam uma interpretação mais refinada dessa manifestação crucial na vida pública.

REFERÊNCIAS

- Charaudeau, P e Maingueneau, D. (org.). (2008). *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- Ducrot O., (1980). Les mots du discours: Minuit. Em Maingueneau, D. (2010). *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral et. al. São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.
- Maingueneau, D. (2004). *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Maingueneau, D. (2008). *Cenas da enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Diversos tradutores. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2010). *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral et. al. São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2014). *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti et. alli. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2020). Os Enunciados Aderentes. *DELTA*, v. 36, n. 3, p. 1-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/J3zZSJpzLnFLLRrn8jh6hgp/?lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2024.
- Maingueneau, D. (2022a). *Enunciados aderentes*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2025). *As margens do discurso*. Organização de Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos. Diversos tradutores. São Paulo: Contexto.
- Milner, J. e Grésillon, A. (1977). “Conjoints mal assortis: la règle du jeu”. *DRLAV*, número 15.